

## Curso de Museologia da UFPel: uma memória em trajeto persistente

UFPel Museology Course: a memory on a persistent path

Daniel Maurício Viana de Souza \*

**Resumo:** No ano de 2021 o Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel completou seu décimo quinto aniversário. Desta sua primeira quinzena de anos de existência é possível identificar dificuldades iniciais, peculiaridades, lutas, resistências e empreitadas diversas no sentido de se consolidar como uma instituição de excelência, voltada à formação, em nível superior, de profissionais museólogos. À luz de referências bibliográficas e produções acadêmicas chanceladas, mas, também de depoimentos e relatos obtidos por intermédio de entrevistas e materiais audiovisuais – muitos por ocasião das comemorações dos quinze anos – este artigo tem por objetivotecer algumas tramas que ajudam a costurar a memória deste Curso de Museologia, terceiro do país em uma universidade federal.

Palavras-chave: Curso de Museologia UFPel. Memória. Formação em Museologia.

**Abstract:** In 2021, the Bachelor's degree in Museology at the Federal University of Pelotas - UFPel completed its fifteenth anniversary. From its first fifteen years of existence, it is possible to identify initial difficulties, idiosyncrasies, fights, resistances and various endeavors in order to consolidate itself as an institution of excellence, focused on the gradation, at a higher level, of professional museologists. In the light of bibliographic references and certified academic productions, but also of testimonies and reports obtained through interviews and audiovisual materials – many on the occasion of the fifteenth anniversary celebrations – this article aims to weave some webs that help to sew the memory of this Course of Museology, third in the country in a federal university.

Key-words: Museums UFPel Museology Course. Memory. Graduation in Museology

### 1. Condições de possibilidade e contexto de criação

A profissão de museólogo no Brasil é regulamentada pela Lei Federal Nº 7.287 de dezembro de 1984, mas a formação de pessoas habilitadas para o trabalho em museus remete à década de 1930, quando foi implementado o Curso de Museus sediado no Museu Histórico Nacional. Com inspirações na perspectiva tradicional europeia, voltada à qualificação técnica para a prática em museus, este curso foi durante décadas o único a cumprir formalmente esta função. Somente na década de

---

\* Doutor em Sociologia pelo Programa de PPGS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com período sanduíche no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de PPGCI- IBICT/UFF. Graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Professor do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador no Núcleo de Estudos sobre Museus, Ciência e Sociedade (NEMuCS). Coordenador do MuDI - Museu Diários do Isolamento. Atual Coordenador do Curso de Bacharelado em Museologia. [danielmvsouza@gmail.com](mailto:danielmvsouza@gmail.com)

1970 se abre caminho para expansão da formação, seja pela inserção deste curso no sistema superior de ensino, seja pela criação de outros cursos universitários, tanto privados como públicos.

Fato é que tal expansão, embora tenha refletido, em certa medida, um movimento internacional do próprio pensamento teórico-conceitual sobre o sentido dos museus na sociedade, ainda era tímida e insuficiente – quantitativa e qualitativamente – para dar conta de uma formação profissional que acompanhasse as necessidades dos novos tempos. Quadro que se altera somente a partir dos primeiros anos da década de 2000, momento em que o Brasil começa a testemunhar merecida valorização das áreas da ciência, da cultura e da educação, concretizada em políticas públicas balizadas em princípios como direitos humanos e inclusão cidadã.

Um dos frutos desta valorização foi a Política Nacional de Museus– PNM, lançada em 16 de maio de 2003, em meio às comemorações do Dia Internacional de Museus, no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Expressando uma noção de fundo que considerava e almejava a construção de um país democrático e plural, carregando como pressuposto essencial o respeito à complexidade e à diversidade cultural, tal Política poderia até mesmo ser caracterizada como um verdadeiro movimento social. Construída a partir de uma metodologia que garantia a ampla participação da coletividade museológica – incluindo setores da educação formal, nos seus diversos níveis – a PNM impacta profundamente num investimento que é, ao mesmo tempo, profissional e epistemológico, no sentido do acolhimento de vocações e do desenvolvimento qualificado da atuação no campo (NASCIMENTO JÚNIOR; CHAGAS, 2007).

Ainda no plano nacional, o Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI se destaca como iniciativa de ampla abrangência no que tange ao incremento da educação superior no país. Tendo alcançado resultados que vão muito além da mera expansão quantitativa em termos de criação de novos cursos e ofertas de vagas, tal Programa teria sido responsável, inclusive, por um processo inovador de avolumamento que inverte a lógica histórica de priorização da iniciativa privada, passando a educação pública a ser o foco, além de fio condutor, para o desenvolvimento social e econômico dopaís (DE MELO COSTA; COSTA; BARBOSA, 2013). Cabe destacar, também, no âmbito museológico específico, as ações do próprio Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico – DEMU/IPHAN, fulcrais na pavimentação dos caminhos para a criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, autarquia

federal administrativa e financeiramente autônoma para propor e gerir as políticas públicas na área dos museus.

Nesse contexto, é criado em 2006 o Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas –UFPel, o terceiro entre as universidades públicas brasileiras, inaugurando um processo de intensa ampliação da área, que conta hoje com a oferta de cursos em 11 instituições de ensino superior espalhadas por quase todas as regiões do país. Considerando as condições de possibilidades a partir de um recorte mais regional, a UFPel, de acordo com Monteiro (2021), foi pioneira ao concretizar uma das diretrizes fundamentais previstas desde a Carta de Rio Grande<sup>1</sup> no sentido da consolidação de uma política de museus. Neste documento/manifesto, que em 2022 completa duas décadas desde a sua produção durante o 8º Fórum Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, a questão da capacitação e formação profissional já se destacava como um dos princípios orientadores para o que viria a se tornar a PNM.

A cidade de Pelotas é eixo central de uma região que caracteriza o extremo sul do Estado do RS, composta por municípios de grande importância histórica, tais como Piratini, Bagé, Jaguarão e Rio Grande. A riqueza patrimonial se expressa pelo conjunto de bens culturais de natureza arquitetônica, pelas expressões culturais e pelos acervos dispostos nos museus existentes em todas estas localidades. Cumpre acentuar que, já naquele momento – primeira década do século XXI –, Pelotas ocupava lugar de destaque nesta zona geográfica caracterizada por forte entrecruzamento cultural, nomeadamente por suas ações referentes ao patrimônio.

Dentre outras iniciativas voltadas ao cuidado com o patrimônio cultural pelotense – que podemos demarcar tendo início desde a década de 1970, se ampliando ao longo dos anos, mesmo que com lacunas importantes – a Carta de Pelotas; a criação das zonas de preservação e tombamento; a Lei 2708, que institui o tombamento municipal e o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural – COMPHIC; e o Inventário do Patrimônio Arquitetônico e Urbano de Pelotas, merecem destaque neste processo de consolidação da cidade como polo irradiar na região (LEAL, 2021). Inúmeras e fundamentais foram, também, as articulações entre entidades que se caracterizam pela atuação em rede neste cenário mais local, tais como o Sistema Estadual de Museus – SEM/RS; os Sistemas Municipais de Museus; o Colegiado Setorial de Museus – CSM/RS, só para citar alguns.

---

<sup>1</sup> Documento aprovado em 2002, por ocasião do encerramento do 8º Fórum Estadual de Museus/RS, que propunha diretrizes fundamentais para a implantação de uma política para o setor museológico e de patrimônio cultural nos âmbitos estaduais e federal.

Tendo em conta um cenário regional mais ampliado, considerando a fluidez cultural típica de regiões de divisas geográficas, a proximidade com a fronteira platina foi, ainda, um fator que impulsionou a proposição de um curso formador de museólogos no âmbito do Mercosul. Importa ressaltar, que a UFPel, desde 1994<sup>2</sup>, é responsável pela administração da banda brasileira do Tratado Brasil-Uruguai da Lagoa Mirim, implicando na necessidade em lidar com uma sorte de acervos, técnico-científico e patrimonial, além dos bens da Superintendência do Desenvolvimento do Sul – SUDESUL, cuja função é atuar em projetos voltados à integração e ao desenvolvimento regional. A formação de profissionais museólogos, nestas circunstâncias, além de potencial geradora de recursos humanos para lidar com esta realidade de fronteira, viria a responder às outras demandas geradas pelas mais diversas instituições de guarda e agenciamento de memórias, individualmente ou articuladas em rede. Era necessário, portanto, prover, sistematicamente, apoio técnico, científico qualificado.

## 2. Histórico e pressupostos pedagógicos

Como parte da instituição de “uma nova era”, nas palavras de Michelin (2021), a “era do patrimônio”, a Portaria UFPel N° 1158 determina parecer favorável à criação do Curso de Bacharelado em Museologia em 21 de agosto de 2006, vindo a ser reconhecido pelo Ministério da Educação – MEC em 31 de outubro de 2012, conforme Portaria N° 216. Porém, no âmbito institucional, a movimentação em torno da criação deste novo curso se deu desde o ano de 2005. Coordenada pela professora Letícia Mazzucchi Ferreira, a Comissão Especial para estudos de criação do curso contava ainda com as professoras Francisca Michelin, Carmen Lúcia Abadie Biasoli e o professor Wilson Marcelino Miranda, idealizador e principal impulsionador deste processo que viria, um ano mais tarde, culminar com a recepção dos primeiros estudantes.

Desde o início o Curso está alocado no Instituto de Ciência Humanas – ICH, e, no cumprimento de sua vocação intrinsecamente interdisciplinar, vem ao longo dos anos dialogando com áreas de conhecimento das mais diversas, tais como Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Zoologia, Botânica, Arquitetura, Turismo, Artes, Letras etc. Poucos anos após sua criação veio a consolidar um

---

<sup>2</sup> Conforme estabelecido no Decreto n° 1.148 de 26 de maio de 1994, que Transfere do Ministério da Integração Regional para a Fundação Universidade Federal de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, o acervo técnico-científico, os bens patrimoniais e os projetos vinculados ao Plano de Desenvolvimento Integrado da Bacia da Lagoa Mirim.

Departamento, junto ao Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – recém-criado à época – e também ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Na atual grade curricular do Curso o caráter da interdisciplinaridade na formação do profissional museólogo está fundamentado em um núcleo de áreas do conhecimento pertencentes às Ciências Humanas, Ciências Sociais, Artes, Letras, entre outras; em articulação a especificidades de conteúdos em torno, por exemplo, da teoria museológica, da história dos museus e da Museologia, além da salvaguarda, comunicação, avaliação e gestão museológica. Fundamental ressaltar que tal estrutura leva em conta, entre tantos outros itens fundamentais na deontologia de interesse, a Resolução CNE/CES nº 21, de 13 de março de 2002 (Diretrizes Curriculares para os cursos de Museologia).

Contudo, antes de seguir na apresentação dos pressupostos pedagógicos fundamentais que regem a estrutura filosófico-formativa do Curso, cabe trazer à discussão outro aspecto essencial da sua trajetória histórica de consolidação, a saber, as principais dificuldades encontradas, sobretudo nos primeiros momentos de existência, que chegaram, em alguma medida, a ameaçar a possibilidade de sua continuidade. Na verdade, tais adversidades foram das mais diversas ordens, seja em relação a espaços físicos e infraestrutura básica em geral, ou mesmo referente aos recursos humanos e corpo docente em específico. Diante de reveses burocráticos que impediram a contratação de professores com conhecimentos e experiência mais direta na área, a solução foi encontrada nas inúmeras parcerias travadas, sobretudo com o SEM/RS, com o IBRAM e com o Curso de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

A Figura 1 apresenta imagem da aula inaugural do Curso de Bacharelado em Museologia, ministrada por Mário Chagas (UNIRIO), em 2006, com alguns professores na primeira fila.



Figura 1 - Aula inaugural do Curso de Bacharelado em Museologia. Aula com Mário Chagas, professor da UNIRIO no Centro de Integração Mercosul, em 2006. Primeira fila: Professora Francisca Michelin –UFPeI, Rose Miranda –DEM/IPHAN, Simone Flores Monteiro-SEMRS e Professor Fabio Vergara- UFPEL. Foto: Prof. Maria Leticia M. Ferreira.

Considerando que, para uma adequada apropriação histórico-memorial, tão importante quanto dar luz às zonas cinzentas consubstanciadas pelas tensões entre alegria e tristeza, vitória e derrota, sucesso e fracasso, é também nominar as pessoas que, de maneira abnegada, funcionaram como verdadeiros “botes salva-vidas” (FERREIRA, 2021) para o Curso durante aquele período de incertezas. São elas: Mário Chagas, Cícero Almeida, Ivan Coelho de Sá, Rose Miranda, Marcus Granato, José do Nascimento Júnior, entre outros “colaboradores, amigos, incentivadores e grandes motivadores” (FERREIRA, 2021). Acrescenta-se aqui neste rol de pessoas-chave, servidores da própria UFPeI que foram de extrema importância, tanto no processo de implementação e consolidação do Curso, como na condução do seu próprio dia a dia acadêmico e administrativo. Nomeadamente: Angelita Martiarena, José Eduardo Dornelles, Paulo Pezat, Raquel Schwonke, Fábio Vergara, entre outras

já citadas como referência direta desta escrita, como as professoras Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e Francisca Michelin.

É consenso na coletividade que compõe a Museologia da UFPel que dentre todos os nomes aqui citados, além de tantos outros que poderiam ainda integrar esta lista, o professor Wilson Marcelino Miranda é hoje notado como aquele sem o qual o Curso “teria sido apenas um sonho” (FERREIRA, 2021). Foi justamente sonhando alto, promovendo encontros, movimentando instituições e setores, enfim, tecendo redes, que o professor Miranda deu início ao que, conforme seu próprio entendimento (MIRANDA, 2013), seria uma atitude pretenciosa, que precipitaria, em todo o país, o afluxo de criação de novos cursos de formação superior de museólogos.



Figura 2 - Aula ministrada pela Prof. Maria Letícia M. Ferreira sobre a criação do Curso de Museologia, na Semana de Acolhimento de Novos Estudantes, em 2021. Foto: Prof. Daniel M. Viana de Souza.

Convém enunciar que, durante o processo de aperfeiçoamento de seus processos pedagógico-formativos, nosso Bacharelado em Museologia tem procurado atender e atender a princípios fundamentais, consolidados ou não em normativas e documentos, tanto internos quanto externos à UFPel. No que se refere ao ordenamento interno, se destaca o compasso com o previsto no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI/UFPel (2015), sobretudo nos objetivos

estratégicos 4, destinado a apoiar iniciativas de inovação tecnológica e de desenvolvimento regional; 8, visando assegurar o equilíbrio entre as ações do ensino, da pesquisa e da extensão; e 9, buscando intensificar as relações entre UFPel e sociedade. No escopo das exigências legais, em nível nacional, é possível sublinhar o processo de integralização curricular da extensão, além das diretrizes para a educação das relações étnico-raciais, em direitos humanos, acessibilidade e ambiental.

É fundamental, portanto, desenvolver no estudante em formação capacidade crítico-reflexiva para uma futura ação profissional sensível à diversidade de gênero, étnico-racial, cultural e religiosa, sustentada no respeito e no fomento aos direitos humanos e à conscientização socioambiental. Para tanto, imbuída de conhecimentos que se balizam em pilares técnico-científicos e humanísticos, a grade curricular do Curso está estruturada de modo a propiciar a formação de profissionais museólogos capazes de dominar os fundamentos teóricos e possibilidades práticas relativas à, assim chamada, cadeia operacional da área, consubstanciada genericamente pela salvaguarda e comunicação do patrimônio cultural.

Com efeito, é possível afirmar que os pressupostos pedagógicos basilares do Bacharelado em Museologia da UFPel são pautados nos princípios e compromissos com a democracia, com a natureza pública e gratuita da universidade, com a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, e com a permanente atenção aos interesses da coletividade e da região em que se localiza. A propósito, conforme venho frisando aqui, a forte inserção no contexto socioeconômico e cultural regional é uma característica essencial do Curso, de maneira que a busca por fazer das atividades de pesquisa, de extensão e de ensino, relacionadas à memória, ao patrimônio e aos museus, um fator de desenvolvimento cultural, econômico, turístico e social, tanto de Pelotas como da região sul do Estado, é inerente à nossa concepção, estrutura e ação pedagógica. Do mesmo modo, há alinhamento e sintonia com preceitos transnacionais, apregoados pelo próprio Conselho Internacional de Museus – ICOM.

### **3. Práticas formativas e inserção social**

O objetivo fundamental do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel é a formação de profissionais com competências e habilidades que lhes possibilitem a inserção em uma realidade plural, tendo em vista que o pano de fundo de sua atuação será, em última instância, a própria vida do povo brasileiro, atentando para seu

desenvolvimento do ponto de vista social e humanístico. Neste sentido, toda e qualquer proposta nascida e operada no âmbito deste Bacharelado estará atravessada pela necessidade de equilibrar aspectos humanísticos, de informação e de comunicação; de integrar experiências de ensino, pesquisa e extensão, tendo em conta suas aplicações nos museus e espaços correlatos; de compreender e traduzir, por meio da Museologia, o patrimônio cultural nas suas variadas manifestações; além de outros aspectos voltados diretamente à competência que se exigirá, futuramente, dos profissionais ora em formação.

O desenvolvimento de práticas e processos formativos, de alcance localizado ou mais ampliado, estão fundamentados, também, pela consciência acerca do necessário exercício sociocultural, abrangendo a mediação entre ciência, cultura e educação, horizontalizada de forma a fazer com que manifestações culturais, representações e saberes diversos possam estar em situação dialógica e de potencialização conjunta. Torna-se premissa da nossa concepção, em termos de formação e inserção social, exercer agência crítico-reflexiva nos múltiplos e diversificados processos presentes na sociedade contemporânea, sejam eles culturais, políticos, econômicos, científicos, entre outros. Em outras palavras, se trata de oportunizar todo o necessário para que, no escopo de sua formação, o futuro museólogo esteja preparado para lidar com momento histórico e seus inerentes desafios.

A própria natureza da Museologia exige uma formação profissional arraigada à integração entre ensino, pesquisa e extensão. Muitas das ações de ensino e pesquisa, no Curso, em alguma medida, são de caráter extensionista, uma vez que são desenvolvidas em museus e demais espaços congêneres, tanto na cidade de Pelotas, como em outras regiões. Outra maneira através da qual se dá tal integração é na relação estabelecida com outros cursos, tanto de graduação como de pós-graduação, a exemplo dos inúmeros projetos desenvolvidos de forma colaborativa entre docentes, discentes, técnicos-administrativos e coletividades externas à Universidade.

É nesta perspectiva que o Curso vem, ao longo dos anos, organizando atividades que contemplam não só a integração, mas a própria iniciativa estudantil, sendo um dos exemplos mais emblemáticos a Semana de Acolhimento de Novos Estudantes, realizada a cada ingresso de uma nova turma, contando com o apoio do Centro Acadêmico – CAMU na organização e execução. Nesta Semana acontecem ações de integração através das quais diversos aspectos da vida e percurso acadêmico são esclarecidos aos ingressantes. Essa iniciativa tem notável efeito

positivo no esforço de diminuição da evasão, assim como para prover o real sentido do termo acolhimento, qual seja: proteger, amparar e abrigar.

Numa perspectiva similar, outra iniciativa que merece menção aqui é a Jornada Acadêmica da Museologia. O objetivo, traçado coletivamente, é engajar os alunos do Curso em uma construção de saberes intrinsecamente relacionados ao campo museológico, em um prisma contemporâneo e prático. As ações, embora planejadas por discentes, têm contado com a colaboração de docentes, de sorte a delinear um caráter coletivo ao evento. Cumpre mencionar que esta ação tem estreita relação com a construção de uma identidade do Curso, e por meio dela se consegue observar uma aproximação efetiva entre estudantes e professores, assim como abre ampla perspectiva para vislumbrar como a área está se desenvolvendo no Brasil, ao privilegiar, também, a participação de profissionais que atuam em outros estados e municípios.



Figura 3 - Jornada Acadêmica do Curso de Museologia, "Quem não tem sangue de negro, pobre e indígena nas veias... Tem sangue de negro, pobre e indígena nas mãos", Performance do Prof. Felipe Caldas, em 2019. Foto: CAMU.

Como parte essencial, tanto do percurso formativo quanto da inserção social do Curso, as exposições curriculares ocupam papel de destaque. Conforme expressa o professor Diego Lemos Ribeiro – integrante do nosso corpo docente – tais atividades

sintetizam uma potente imagem do Curso. Imagem esta que tem na sua paleta de cores um pouco da visão de cada discente; dos professores do curso, que contribuíram com um somatório de aprendizados ao longo da formação discente; do contemporâneo, visto que os temas estão mimetizados os temas mais pujantes do tempo presente (RIBEIRO, 2021).

Desde a primeira até a última realizada, já se somam dez exposições curriculares, resultantes de um processo de elaboração imerso no horizonte de disciplinas que contemplam a denominação da comunicação museológica, particularmente voltadas à expografia em si<sup>3</sup>. Tais exposições, listadas na ordem cronológica, foram assim intituladas: Enchente: um sinal de alerta (2009); A memória do cinema na cidade de Pelotas (2010); Museu Futebol Clube: a trajetória do futebol na cidade de Pelotas (2011); É tempo de Carnaval (2013); Boteco: uma dose de tradição (2014); Recanto Gaúcho (2014); Plantas e o saber popular: conhecimento, magia e cura (2015); Recortes do Patrimônio Pelotense: Um olhar no Cotidiano (2016); O Museu Abriga o Mito: diferentes olhares sobre Cigana Terena (2018); Museu da Destruição Nacional: o desmantelamento da cultura no Brasil (2019); Botânica: viver e sentir (2021). A próxima exposições curricular está prevista para ser inaugurada ainda no segundo semestre de 2022.

Além dos vários eventos e ações pedagógicas promovidos no âmbito do Curso, seja articulando graduação e pós-graduação, seja integrando grupos de estudos e projetos, ou ainda fortalecendo elos dentro e fora de sua própria coletividade, inúmeras outras parcerias, frentes de trabalho e ação, convênios e cooperações, vêm concretizando uma rede de articulação com o campo museológico como um todo, em uma intensa inserção social. A capilaridade desta rede pode ser demonstrada, em sua abrangência local, regional e nacional, listando alguns dos exemplos que se somam no itinerário percorrido pelo nosso Bacharelado até aqui: parcerias e participação no Sistema Estadual de Museus/RS e no Colegiado Setorial de Museus/RS, com ênfase na 7ª Região Museológica; parcerias com os museus da cidade e da região; parceria na realização do 4º Encontro Nacional de Professores no Campo da Museologia; parcerias e trabalhos junto aos desenvolvedores do Projeto Tainacan;

<sup>3</sup> Tais disciplinas são “Expografia I”, voltada à teoria sobre planejamento e programação de exposições; “Expografia II”, destinada à elaboração de projeto de exposição museológica curricular; e “Expografia III”, que se ocupa da implementação de exposição curricular.

parcerias e convênios com o IBRAM e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN; atividades junto à Rede de Museus Comunitários das Américas; além, é claro, da inserção na Rede de Museus da UFPel. Deve-se acrescentar aqui diversas e profícuas parcerias com outros cursos, pesquisadores e profissionais de Museologia, do país e do exterior.

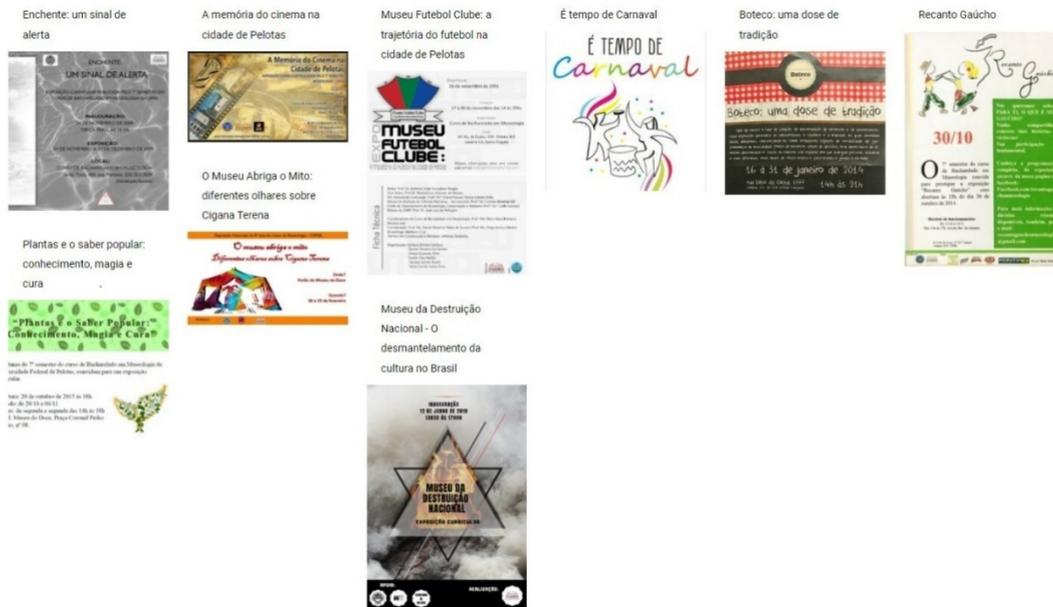


Figura 4 - Pôsteres de exposições curriculares do Curso, em 2021. Foto: Prof. Daniel M. Viana de Souza.



Figura 5 - Alunos e ex-alunos discutindo as metas do plano estadual de cultura durante o \*\*\*Encontro da 7ª Região Museológica do SEM, em 2013. Foto: Prof. Noris Leal.

#### 4. Corpo docente e infraestrutura

Apesar das agruras iniciais, hoje o corpo docente do Curso de Museologia da UFPel é extremamente qualificado. Conta com um leque de professores – quase todos doutores – que atendem às disciplinas dos núcleos profissionalizante e básico. Em consonância com o caráter interdisciplinar da área, abarca profissionais com formações diversas, vinculados tanto ao próprio Departamento de Museologia, Conservação e Restauração – DMCOR, como também a outros Departamentos e/ou Câmaras.

Diversidade e multiplicidade são características da formação destes docentes e, também, da própria atuação deles no escopo do Curso. Desempenham funções de coordenação e colaboração em projetos – ensino, pesquisa e extensão –, além de se responsabilizarem por componentes curriculares, sem distinção em termos de vinculação institucional. Em outras palavras, ainda que um professor não pertença ao DMCOR, não significa que esteja automaticamente impedido de atuar na condução de alguma atividade mais diretamente afeita ao, assim chamado, núcleo duro da formação.

Outro aspecto que caracteriza nosso corpo docente e sua atuação é uma profunda integração com a pós-graduação. Atualmente mais de 90% do total dos nossos docentes está vinculada a algum programa de pós-graduação da UFPel, além daqueles que, em alguma medida, contribuem em universidades de outras localidades, tanto no país como no exterior. Por certo que tais fatores são importantes facilitadores da fruição de estudantes, interna e externamente à própria UFPel, oportunizando uma formação profissional amplamente atenta às diversas realidades sociais e consciente das necessidades mais específicas ao campo dos museus em suas múltiplas intersecções.

Os professores do nosso Bacharelado são oriundos de diferentes estados e, conforme dito antes, com formações e trajetórias profissionais pretéritas igualmente heterogêneas. Dos que tem vínculo com o DMCOR são, hoje, onze doutores, pós-graduados em inúmeras áreas, além de uma mestre. Com graduação em Museologia são três, tendo os demais, formações variadas. Entre os dez docentes vinculados a outras instâncias acadêmicas da universidade, todos doutores, existe a mesma multiplicidade, sendo possível encontrar historiadores, artistas visuais, antropólogos, biólogos, filósofos e arquitetos. Cumpre observar, que muitos destes professores de outros Departamentos contribuem de forma continuada com o Curso, alguns desde a sua fundação.

Também apesar dos problemas iniciais, hoje estamos muito bem alocados no Campus II-ICH<sup>4</sup>. Em termos de infraestrutura física, o Curso dispõe de salas de aula, laboratórios, sala própria para o Centro Acadêmico, além de outros espaços voltados às atividades administrativas. As salas de aula se concentram, em sua grande maioria, no Campus II-ICH, contudo, em razão do caráter interdisciplinar da nossa formação, e do reflexo disso na estrutura curricular do Curso, também ocorrem aulas em outros *campi* da Universidade, que abrigam departamentos responsáveis pela oferta de disciplinas previstas na matriz curricular.

Há, ainda, espaços compartilhados com o curso coirmão de departamento, o de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. São, em termos gerais, ambientes tanto acadêmicos quanto administrativos, como a secretaria e a sala de reuniões. Como mencionado anteriormente, os discentes do Curso têm acesso a uma sala exclusiva para o Centro Acadêmico, equipada com computador, mobiliários, além da disponibilidade da rede Wi-Fi da Universidade. O Bacharelado conta, também, com as novas instalações da Biblioteca de Ciências Sociais – BCS, localizada em um campus contíguo no bairro Porto<sup>5</sup>, equipada com salas de estudos para discentes e docentes.

No que tange às ferramentas tecnológicas utilizadas no desenvolvimento das atividades do Curso, se destacam o Sistema Integrado de Gestão – COBALTO e o Sistema Eletrônico de Informações – SEI. Cabe ainda ressaltar que a utilização das redes sociais e demais espaços digitais de acesso aberto é considerada facilitadora da efetivação do Projeto Pedagógico do Curso, sendo planejada e operada no escopo de um projeto institucional do próprio Curso, voltado à gestão de sua comunicação e informação. Outra plataforma digital importante é o Pergamum - Sistema de Gerenciamento do Acervo das Bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas – SISBI/UFPel, que permite acesso remoto ao acervo bibliográfico da Universidade.

As atividades de ensino, pesquisa e extensão são, em boa parte, desenvolvidas em laboratórios e núcleos próprios do Curso, todos didática e administrativamente respaldados por Regimentos Internos, conforme diretrizes do Núcleo Geral de Laboratórios da UFPel. Resumidamente, as características conceituais e estruturais de tais espaços podem ser descritas da seguinte maneira:

- LAEXPO – Laboratório de Expografia: Ocupa sala de 36,30m<sup>2</sup>, mais anexo de 10,80m<sup>2</sup>. Conta com mobiliário e infraestrutura técnico-administrativa e

<sup>4</sup> Localizado na Rua Almirante Barroso, 1202, Centro de Pelotas/RS.

<sup>5</sup> Localizado na Rua Cel. Alberto Rosa, 154, Porto, Pelotas/RS.

acadêmico-pedagógica próprios para a elaboração de exposições museológicas, sobretudo as que compreendem as disciplinas de Expografia I, II e III.

- LAB DOC MUSE – Laboratório de Documentação Museológica: Ocupa uma sala de 48 m<sup>2</sup>, com mobiliário e infraestrutura técnico-administrativa e acadêmico-pedagógica próprios para atendimento às disciplinas de Documentação Museológica I e II, assim como projetos de ensino, extensão e pesquisa realizados em acervos da UFPel e de instituições da região.
- LEP – Laboratório de Educação para o Patrimônio: Ocupa sala de 48m<sup>2</sup>. Com mobiliário e infraestrutura técnico-administrativa e acadêmico-pedagógica próprios para atendimento às demandas das disciplinas de Ação Cultural e Educação em Museus I e II.
- NEMuCS – Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade: Ocupa sala de 15,78m<sup>2</sup>. Conta com mobiliário e infraestrutura técnico-administrativa e acadêmico-pedagógica próprios para atendimento às demandas que compreendem as disciplinas de Ciência, Divulgação Científica e Museus, outras oferecidas ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, além de abrigar e dar suporte as demais atividades de pesquisa e extensão.
- Museu das Coisas Banais: Ocupa sala de 15,78m<sup>2</sup>, com mobiliário e infraestrutura técnico-administrativa e acadêmico-pedagógica próprios para atendimento às atividades desenvolvidas de forma virtual e/ou presencial.
- LÂMINA – Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica: instalado em prédio de 3 andares, com área de 160m<sup>2</sup>. Possui mobiliário e infraestrutura técnico-administrativa e acadêmico-pedagógica próprios para atendimento a diversos tipos de atividades, como escavações e tratamento de acervos arqueológicos, por exemplo.
- MUARAN – Museu Arqueológico e Antropológico: está em fase de implantação e ainda não possui espaço físico próprio, mas diversas de suas ações estão sendo postas em prática, antes mesmo de abrir suas portas ao público. Hoje com mobiliário e infraestrutura técnico-administrativa e acadêmico-pedagógica próprios.

- Museu do Doce: órgão suplementar do ICH, localizado no Casarão nº 8, em Frente à Praça Coronel Pedro Osório<sup>6</sup>. O museu é voltado para a preservação e divulgação das tradições doceiras de Pelotas e região, que é patrimônio cultural imaterial do Brasil. Possui aproximadamente 500m<sup>2</sup> de área expositiva. A instituição possui salas para exposições temporárias e de longa duração onde está disposto mobiliário voltado para a preservação ou exposição do acervo. Conta, ainda, com espaço para laboratório de conservação e reserva técnica.
- MuDI – Museu Diários do Isolamento: museu virtual que se vale dos espaços e infraestrutura do NEMuCS para o que se apresenta como necessário. É também órgão suplementar do ICH.
- CoLab – Laboratório de Museologia Colaborativa: fisicamente estabelecido no Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material – LEICMA, prioriza a realização de projetos que contemplam a pesquisa, a extensão e o ensino vinculados a programas pré-estabelecidos pela sua coordenação.



Figura 6–Slide: Laboratórios, Núcleo e Museus vinculados ao Curso, em 2021. Foto: Prof. Daniel Souza.

<sup>6</sup> Prédio histórico construído em 1878, tendo servido de residência para uma destacada família de charqueadores, à época, parte importante da chamada elite dominante pelotense. Maiores informações podem ser encontradas no próprio website do Museu: <https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/>

## 5. Perfil e atuação de egressos

As experiências dos ex-alunos nos trazem perspectivas diversas acerca da qualidade da formação oferecida pelo Curso, além de serem um dos indicadores quanto à inserção social, no campo da Museologia em si e em correlatos. Conforme afirma Silva (2021), “os horizontes de oportunidades para os egressos do curso são inúmeros, além de haver uma diversidade de possibilidades de interseccionar a museologia com diferentes áreas dos conhecimentos”.

Dessa maneira, consideramos que o acompanhamento dos profissionais egressos permite ao Curso um conhecimento qualificado sobre os resultados da formação propiciada, no que tange à inserção dos formandos no campo de trabalho, e aos impactos sociais de suas ações a partir da prática em sua área de conhecimento. Sendo um dos compromissos institucionais fundamentais firmado pelo Curso, este acompanhamento, vale ressaltar, também visa fornecer parâmetros para a proposição de novas ações acadêmicas nas esferas da extensão e da pesquisa, além do próprio ensino, é claro.

Como subsídio para tal política de acompanhamento, se mantém um cadastro atualizado de egressos, disponível na página institucional do Curso<sup>7</sup>. O acesso a este repositório permite averiguar se, e, onde estão trabalhando nossos formados, além de possibilitar, também, operar estudos e análises quanto às atividades, seus perfis, áreas, tendências e demais dados de interesse. Além deste inventário, se prevê a aplicação de outro instrumento de caráter qualitativo, consistido por um roteiro de entrevista formado por blocos de questões, definidos por conteúdos gerais acerca da identificação da atuação profissional na área; atuação em pós-graduação e/ou educação continuada; produção científica na área ou em outros campos do saber; entre outros.

A primeira turma de ingressantes do Curso colou grau em 2010. Dos treze profissionais formados naquela ocasião, atualmente todos, praticamente, estão atuando na área de museus ou em instituições de memória. Ao longo dos anos é bastante variável a média de estudantes que se formam anualmente, estado este índice atrelado a uma multiplicidade de fatores contextuais internos ao âmbito acadêmico, universitário e mesmo à própria área de conhecimento em si; mas também externos, de ordem econômica, política, social mais global.

---

<sup>7</sup><https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/5400>

Os números mais recentes, obtidos a partir de levantamento realizado no ano de 2019<sup>8</sup>, demonstraram que dentre os setenta e um egressos, até aquele momento, 54% estavam inseridos no mundo do trabalho ou seguiram estudos em programas de pós-graduação. Destes, 44% são concursados, 26% contratados e 2% atua na iniciativa privada, como empresa. Aqueles que não estão operando na área, majoritariamente seguiu outras profissões ou reingressou em outras graduações.

A atuação destes museólogos, egressos do nosso Curso, extrapola as fronteiras estaduais. Temos casos, por exemplo, de profissionais em Santa Catarina, atuando na UFSC, ou seja, contribuindo na formação de novas gerações de museólogos. Temos, além disso, registro de egressos atuando hoje na prefeitura de Chapecó, também no estado de Santa Catarina. Em Brasília, há profissional vinculada ao IPHAN; e no Paraná, profissional servidor na Itaipu Binacional; isso só para mencionarmos aqui alguns entre inúmeros outros casos. Dos egressos que exercem a profissão no Estado do Rio Grande do Sul, há registros de concursados de prefeituras municipais, como as de Pelotas, Rio Grande e Gramado; contratados em demais cidades como Ijuí, Torres, Gramado, Rio Grande e Pelotas; além de docentes e técnicos-administrativos da UFPel, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL.

Frente aos resultados de tais levantamentos e demais fontes – nem sempre acadêmicas/científicas – é certo que podemos afirmar a profunda diversidade que caracteriza a atuação dos nossos profissionais egressos. Seja na esfera pública, como concursados, contratados ou consultores; seja na iniciativa privada, como empreendedores ou contratados, as possibilidades quanto à forma, o alcance, a abrangência e o impacto do trabalho dos museólogos oriundos do nosso Curso devem ser notados como de destaque no horizonte da museologia brasileira hoje. Com efeito, estamos nos referindo a um processo em contínua afluência, considerando que na precisa data em que este texto está sendo escrito, se registra noventa e oito egressos, mais setenta e um estudantes com vínculo.

## **6. Desafios futuros: breves considerações gerais**

Desde a criação do Curso de Museologia da UFPel, em 2006, até hoje, 2022, já se passaram dezesseis anos. É tempo suficiente para estabelecer redes, integrar pessoas, vivências, instituições e parcerias. Mas, para além disso, é bastante para

---

<sup>8</sup>Trata-se de Projeto de Ensino com abrangência institucional no âmbito da UFPel, intitulado “Estratégias de enfrentamento à evasão e retenção nos cursos de graduação da UFPel”.

consolidar uma história, repleta de memórias – históricas, é claro, mas sobretudo afetivas. Durante todo este período passaram, ou ainda estão por aqui, estudantes, técnicos, professores e demais colaboradores de importância inestimável, sem os quais – conforme já destacado antes – não poderíamos ter certeza de que estaríamos chegando a este momento do agora.

Neste artigo, a referência a tal memória, operada pelo fortalecimento dos vínculos afetivos que foram se constituindo entre os diversos sujeitos desta história, procurou evidenciar um pouco das dificuldades iniciais e lutas, mas, também, dos avanços e conquistas. A partir da estruturação em alguns eixos gerais, abordou o processo de implementação do Curso e sua trajetória ao longo do tempo; além de sua articulação com o campo museal local, regional e nacional. As questões envolvendo sua inerente inserção social também tiveram destaque aqui. Tendo clareza de que a investida na tecelagem de reminiscências é sempre repleta de ausências, não se negligência que, por outro lado, a presença do próprio autor como um ator imerso no contexto tratado é, ao mesmo tempo, fator que potencializa o discurso (por vezes cheguei a sentir que os fatos e as pessoas sobre as quais narrava, eram mesmo extensões de minha própria existência ao longo dos últimos dezesseis anos).

Seja como for, este mergulho na dialética entre passado e presente do Curso só produz sentindo concreto quando se tem uma perspectiva de futuro no horizonte. De maneira que considero fundamental ter em conta questões que sintetizam – ao menos em tese – os principais desafios que se impõe, a partir deste indelével enredamento entre o vivido, o agora e o devir. Ou seja, no contexto da formação profissional, se trata, em última análise, de tentarmos compreender os museus e a Museologia do nosso tempo: que museólogos fomos, somos e queremos ser? Como nos formamos e como é possível nos (trans)formarmos?

O Rio Grande do Sul hoje é o quarto estado mais populoso do país. Caracteriza-se por sua diversidade paisagística e étnico-cultural. Em outros termos, uma sociedade complexa e heterogênea nos seus mais diversos aspectos. A cidade de Pelotas está situada na chamada 7ª Região Museológica, categoria de delimitação geográfica proposta pelo Sistema Estadual de Museus – SEM/RS. De acordo com estudo publicado em 2020<sup>9</sup>, constam formalmente registradas nessa região sessenta e nove museus, que abrangem praticamente todas as tipologias. Portanto, estamos diante de uma das mais complexas e desafiadoras realidades, quando se objetiva lidar

---

<sup>9</sup> Tal estudo, elaborado pelo SEM/RS, se intitula “Densidade Museológica do Rio Grande do Sul”.

com problemas, inadequações, equívocos, exclusões e opressões que se desejam superar. Na verdade, é mais do que desejo simplesmente, é uma obrigação em si.

Importa observar que todos os municípios da circunvizinhança de Pelotas apresentam índices de desenvolvimento muito abaixo da média estadual, o que caracteriza a microrregião como uma das mais carentes de todo o sul do país. Em tal contexto, a formação de museólogos tem o dever de contribuir para a emancipação de pessoas em condição de vulnerabilidade social. Ao mesmo tempo, é uma obrigação intergiversável promover o desenvolvimento local e regional, favorecendo alternativas econômicas sustentáveis, potencializando valores culturais e ambientais atinentes ao equilíbrio entre produção e vida.

Além do mais, formar museólogos neste horizonte, implica lançar profissionais que devem desenvolver um trabalho transversal quanto à história e à cultura características da formação da população brasileira, considerando a diversidade étnica que lhe é peculiar. Este novo profissional museólogo precisa estar apto a trabalhar temas contemporâneos, como a reivindicação memorial, o direito à memória, o dever de memória, entre outros que buscam reivindicar e defender a justiça como valor humanístico e inclusivo. Fundamental, portanto, formarmos museólogos conscientes de sua função social, defensores da dignidade humana, da igualdade de direitos, sempre tendo como bússola o reconhecimento e a valorização das diferenças e das diversidades.

## Referências

DE MELO COSTA, Danilo; COSTA, Alexandre M.; BARBOSA, Francisco V. Financiamento público e expansão da educação superior federal no Brasil: o REUNI e as perspectivas para o REUNI 2. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, v. 6, n. 1, p. 106-127, 2013.

FERREIRA, Maria L. M. *O Nosso Lugar: 15 anos do Curso de Museologia/UFPel*, 2021. Disponível em: <<https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosmuseologia/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

FERREIRA, Maria L. M. *Acolhida dos Caloures 2021: Criação do Curso de Museologia da UFPel*, 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/a9RRN2LJqVM>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

LEAL, Noris M. P. M. *A trajetória de uma construção patrimonial: um museu para a tradição doceira de Pelotas*. São Paulo: Dialética, 2021. 286 p.

MICHELON, Francisca. *O Nosso Lugar: 15 anos do Curso de Museologia/UFPel*, 2021. Disponível em: <<https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosmuseologia/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

MIRANDA, W. M. *[Entrevista]*. 2000. Entrevista concedida a Jossana Peil Coelho, em 2013, na cidade de Pelotas-RS.

MONTEIRO, Simone F. O Nosso Lugar: 15 anos do Curso de Museologia/UFPel, 2021. Disponível em:<<https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosmuseologia/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

NASCIMENTO JUNIO, José.; CHAGAS, Mário de S. Veredas e construções de uma política nacional de museus. In: BRASIL - Ministério da Cultura. *Política nacional de museus*. Brasília: MiNC, 2007. p. 12-38.

RIBEIRO, Diego L. O Nosso Lugar: 15 anos do Curso de Museologia/UFPel, 2021. Disponível em:<<https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosmuseologia/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SILVA, Sarah M. O Nosso Lugar: 15 anos do Curso de Museologia/UFPel, 2021. Disponível em:<<https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosmuseologia/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS/RS. *Densidade Museológica do Rio Grande do Sul*". Porto Alegre: SEDAC, 2020. 28 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. *Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2015-2022*. Pelotas, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. *Estratégias de enfrentamento à evasão e retenção nos cursos de graduação da UFPel*. Pelotas, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. *Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia*. Pelotas, 2020.

---

Data de recebimento: 30.08.2022

Data de aceite: 19.09.2022